

340

MÁRIO DE ANDRADE

derivados naturalmente da própria circunstância de viver.
Me sinto recompensado por ter escrito esta épica. Mas
lavro o meu protesto contra os crimes que me deixaram
assim imperfeito. Não das minhas imperfeições naturais.
Mas de imperfeições voluntárias, conscientes, lúcidas, que
mentem no que verdadeiramente eu sou.

São Paulo, 15 de dezembro de 1942.

MÁRIO DE ANDRADE

JOACIETE

Mário de Andrade

CAFÉ

Tragédia Secular

O POEMA

SBAT

LIBERADO EXCLUSIVAMENTE
PARA FINS DE CENSURA DO TEXTO.
AS LEPTAS DE CENSURA ESTÃO SUJEITAS A NOVA AUTORIZAÇÃO

REPRESENTANTE NO R. G. SUL

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

PRIMEIRO ATO – PRIMEIRA CENA

PORTO PARADO

(A cena representa o interior de um armazem de café, no porto. Os estivadores na entre-sombra)

CORAL DO QUEIXUME

Os Estivadores:

Minha terra perdeu seu porte de grandeza...
O café que alimenta os homens apadrece
Escravidado pela ambição dos gigantes da mina do ouro.
O café mestre, o grão perfumado
Que jamais recusou a sua recompensa,
Nada mais vale, nada mais.
Que farei agora que o café não vale mais!

Essa força grave da terra era também a minha força.

Ela era verde e $\left\{ \begin{array}{l} \text{me ensinava} \\ \text{desenhava} \\ \text{me desvendava} \end{array} \right.$ o futuro

Ela era encarnada e audaciosa
Era negra e aqueitava o meu coração
Foi ela que deu à minha terra o seu porte de grandeza
E hoje nada mais vale, nada mais!

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fones: 226-0242 - CEP 90020-025



Café! Café! Eu exclamo a palavra sagrada (no deserto)
 Café!... O seu fruto me trazia o calor no coração
 Era o cheiro da minha paz, o gosto do meu riso
 E agora ele me nega o pão...
 Que farei agora que o café não vale mais!
 Porte de grandeza, odor da minha terra, força da minha vida,
 Que farei agora que pra mim não vales mais!

II

MADRIGAL DO TRUCO

Um jogador solista (parlato):

— Truco!

(cantando):

Arreda porteira, aí vai
 Os peitos de Zé Migué
 Laranja não tem caroço
 Jacaré não tem pescoço
 Truco de baralho velho!

O grupo madrigalista:

Seis papudo! Sai tapera
 Seis, seu cara de tatu
 Seu portão de cemitério
 Arapuca de bambú
 Toma seis que tres é pouco!

Saia do caminho porqueira
 Toma nove, seis é pouco

E diga porque não quer
 Quem não pode não me espera
 Seu cara de jacaré!

Truco mesino! Sai pernetá
 Rebôco de igreja velha
 Esteira de bexiguento
 Sapicuá de lazarento
 Sumítico, arrisque o tento!

Trucou, aguenta a parada.
 Carrapato é bicho feio
 Tem cabelo até no joêio
 Mosquito não leva freio
 Pernilongo não se capa!

(O compositor poderá, si quiser, intercalar, ajuntar com o truco, mais dois cantores jogando a môra, um italiano e um preto, porque assim o ariano cantará "Trê"! "Cinque"! etc., lá na lingua de Dante, e o tizio cá bem na lingua nossa de Camões, secundando "Dois"! "Oito"!).

III

CORAL DAS FAMINTAS

(As companheiras dos estivadores irrompem abruptamente pela cena).

Frases à escolha, cantadas aos grupos:

- Porto parado! mar vazio! sangue à vista!
- Eu tenho fome! Meus braços já se arman na ordem fãta da soldição!

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Teatro de Arena
 Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



- Eu tenho fome! Na minha boca nasce a palavra da decisão!
 – Não sou mais eu! Chegou a hora da destruição!

Tutti das Famintas:

Não aguento a fome
 Não há mais perdão
 Deus dorme nos ares
 Os chefes nas camas
 Acordo no chão
 Eu quero o meu pão!

Não aguento a fome
 Lei no coração:
 Malditos os homens
 Maldito este tempo
 Maldita esta vida.
 Eu quero o meu pão!
 Eu quero o meu pão!

Não aguento a fome
 Nesta maldição
 Ordens nos ouvidos
 Sangue nos meus olhos
 Ódio em minha boca
 Eu quero o meu pão!
 Eu quero o meu pão!
 Eu quero o meu pão!

Os estivadores (pianíssimo, depois da orquestra se melancolizar, repetindo a mesma frase melódica final das *Famintas*):

– Quem pode dar pão!...

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

IV

IMPLORAÇÃO DA FOME

(Os estivadores e suas mulheres, à última pergunta, olham para as pilhas de sacas de café, e extáticos, amorosos, como que delirando, invocam o café)

Os Estivadores e suas Mulheres (coral Mixto):

Oh grão pequeno do café, escuta o meu segredo
 Grão pequenino
 Não te escondas assim no silêncio infecundo
 Grão pequenino
 Não dorme na paz falsa da morte, a fome indica os caminhos
 A fome vai fatalizar os braços
 Grão pequenino do café!

Pois não escutas o rebate surdo das vestimentas?
 Grão pequenino
 Não vês o clarão breve dos primeiros fogos?
 Grão pequenino
 Logo eu te acordarei da paz falsa da morte
 E tu reviveras, razão da minha vida,
 Grão pequenino do café!

EU SOU AQUELE QUE DISSE:
 Eu tenho fome! eu tenho muita fome!
 Grão pequenino
 É uma fome antiga, de milhões de anos que renasce
 Grão pequenino
 Nem todo o trigo do univer o feito pão
 Acalmava esta fome antiga e multiplicada
 Fome de fome
 Fome de justiça
 Fome de equiparação
 Fome de pão! FOME DE PAO



SEGUNDA CENA

COMPANHIA CAFEEIRA S. A.

I

CORAL DO PROVÉRPIO

(Os colonos estão colhendo com má vontade, maltratando as árvores justo quando aparecem os Donos e os Comissários. Aliás, pouco antes um menino colheu uma fruta madurinha da laranjeira que nasceu em pleno cafezal, foi pra chupar e jogou fora. Velhos e velhas sorriram melancólicos, coralizando brevemente sobre o provérbio paulista: "Laranja no café - É azêda ou tem vespeira." Donos e Comissários entrando.)

II

A DISCUSSÃO

Os Donos (solenes):

- A ordem é de expulsar o que maltrata as árvores inocentes!

Colonos homens (melancólicos e mausos):

- Malvado o que abusou da inocência do fruto, o encarcerando nos armazens insaciáveis, o queimando queimando nas caieiras clandestinas da madrugada!

Os Donos (ásperos):

- Tonto é o que fala sem saber as altas leis da História!

Colonos (se abespinhando, a várias vozes amontoadas):

- História! A ignorância do humilde, a esperteza do sábio!

Colonos (irritados, entrando na resposta das mulheres):

- Ainda o último verão não secava os caminhos e já me interrogavam as manhãs... A fome vem chegando...

Os Donos (muito a gosto):

- Lavamos nossas mãos: eis vossos donos novos! (Com gesto imponente aos Comissários): Falai, donos finais!

(Estupor geral da colônia)

Colonos:

- Mas quem paga! quem paga! quem paga!
- Não posso mais! Não posso mais (ter. ad libitum)
- "O homem não é propriedade do homem!"

Os Comissários (querendo acalmar, em uníssono mecânico de quem já sabe de cor o que vai falar):

- Oh fecundos trabalhadores rurais! Vós sois a fonte de toda a grandeza de nossa querida pátria! Falafalar é prata, mas a paciência é ouro! Ora sulcamos o oceano encapelado numa crise imediata que ameaça subverter a santa ordem das coisas....

Colonos (interrompendo irritadíssimos):

- Quem paga! Quem paga! Quem paga! (ad libitum)
- Fome chegou! (bis, ter, ad libitum)
- Não pode ser! (bis, ter, ad libitum)

Comissários (imperturbáveis):

- ... a paciência é a maior virtude do queiro! Os respeitáveis pais-da-pátria já garantiram, através de acordos que nem bem findo o próximo verão, secar os caminhos, as Câmaras alvorotadas cuidarão do enigmático problema do café! Fé!... Fé!...

Colonos e Colonos (amontoados):

- O ano que vem! (Sempre estas frases serão repetidas ad libitum)

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



- Dia de São Nunca!
- Não posso mais!
- Quem paga! quem paga! quem paga!

Comissários e Donos:

- Mas senhores fecundos trabalhadores rú...

A Coloniada (em hochetus):

- Isso é conversa...
- ...pra boi dormir!
- Palavras ôcas,
- ...ouvidos moucos!

Comissários e Donos (em hochetus):

- Calai-vos, brutos!
- Respeitai os chefes!

Colonas (avançando dois passos):

- Mas tendes fome! tendes fome!

Comissários e Donos (depois de leve hesitação):

- Mas estamos profundamente tristes.

Colonos velhos:

- Tristeza não paga dívida!

Os rapazes (avançando dois passos, feito as Colonas):

- Triste, de barriga cheia!

As moças (caçoando amargas):

- Vou fazer um vestido com a chita tristeza!

As casadas (avançando mais um passo, coléricas):

- Vou dar pra meu filho só leite tristeza!

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Casadas e velhos (avançando também mais um passo, coléricos):

- Eu pago armazem com dinheiro tristeza!

Comissários e Donos (inocentérrimos):

- Mas que quereis vós que façamos nós!

Colonos (tutti):

- Pagar!

Comissários e Donos:

- Pagar não podemos!

(Ou apenas: Não podemos!)

Colonos:

- Pagar!

Comissários e Donos:

- Pagar não podemos!

(Bagaça coral a várias vozes mixtas, sobre palavras a escolher: "Uma de fome!"; "Eu não aguento mais!"; "Avarentos e avaros!"; "Mentira!"; "Maldição!"; "Quem paga! quem paga! quem paga!")

Comissários e Donos (uníssono):

- Paciência! Pagar não podemos, se arranjarmos!

(Silêncio sobre o teatro. Os colonos oscilam pra frente pra trás, depois de avançar; Comissários e Donos se postam na defesa, levando a mão aos revólveres. Fênix rajada de orquestra.)

Colonos (tutti):

- EU SOU AQUELE QUE DISSE: Não pago mais neste pousso maldito! Eu parto! Eu parto! Eu vou embora!



(Donos e Comissários aproveitam pra sair, meio com excessiva rapidez. Dois colonos que, durante a discussão, tinham mordido laranjas sem reparar, atiram as frutas com raiva, enquanto ecôa pianissimo na voz das velhas, o provérbio do início.)

III

CORAL DO ABANDONO

Os Colonos (coral a seis vozes mixtas, ou quatro):

Um tremor me alucina o pensamento...

Nos meus pés indecisos vão rolar as estradas
A minha voz de porta em porta
Ha-de implorar o direito de vida...

A cada volta do caminho
Na poeira vermelha que me embaça os olhos
E apaga a minha voz
Me sentirei morrer nessa morte ignorada
Que o sol dos verões seca logo
E a poeira cobre eternamente.

E nada ficará como prova do crime insensato.

No tûmulo das estradas estão escondidos
Milhares de mortos de bocas abertas.
Qual a culpa que me castiga
Na eternidade desta boca aberta?...
Esta boca aberta que ninguém responde,
Boca aberta que o sol dos verões seca logo
A que a poeira apaga a voz.

Povo sem nome das terras aradas
Tu vais morrer na poeira das estradas

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Mas uma voz te mandará do espaço
A lei maior te fataliza o braço
Muitas vezes a gente se revolta
Não que falte a paciência de lutar (da pobreza)
Muitas vezes a gente se revolta
Por incapaz de não se revoltar.

(Pano)

SEGUNDO ATO - PRIMEIRA CENA

CAMARA-BALLET

(A cena representa uma sala de Câmara de Deputados.)

I

QUINTETO DOS SERVENTES

O Deputado do Som-Só (num som pedal que durará todo o quinteto):

-- ...plápláplá chiriri cêcê pum. Blimblimlim téréré xixí pum. Furrunfunfum furrunfunfum. Pipí pipí pipí pipí a caridade, pôpô. Zunzum zunzum zunzum baile das rosas lerolero lerolero lerolero krolero lerolero! Cacá cacá cacá cacá cacá cá-pum? Táis tatáca tetéca títica totéca tutéca! Pum!... Cêcê pum!... Xixí pum!... Pipí pum!... Sclá sclá sclá sclá sclá sclá sclá sclá Dem-dem pum!... pum!... Tereré tereré tereré tereré a ilustre Dama, pôpô. Bois sacré railway Tobias Barreto patati lenga-lenga fonfom, pum. Sclá sclá scláá!... Scláááá!... Scláááááááááá! Scláááááááááááááá!... XII... Xil

(O policia bate no ombro dele, dizendo pra parar e ele obedece com ansiedade. Todos dormiam, mas agora agorã inf curiosos, porque é a estrada do Deputadinho da Ferragem, filha de...)



III

A ENDEIXA DA MÃE

(Entrou, durante o barulho o Deputado Cinza, puxando a Mãe, e insiste com ela pra que fale. Aliás um discurso mui habil que ele mesmo escreveu pra ela decorar. Ela se amedronta, quer fugir, mas se vendo perdida esquece tudo que decorara e delira.)

A Mãe:

Depois que o grão apodreceu no galho
A miséria chegou com seus dias compridos
E as noites curtas por demais que a fome acorda.
Nunca mais o meu filho fugiu da horta
Amassando na boca as alfaves.

Os peitos das mães já secaram
Cairam as cercas das hortas
Vendeu-se a vaca, fugiu o sabiá dos pomares
E muitos homens jazem podres
Nos botequins de beira-estrada
Nos armazens do cáis vazio
Nas grunhas do conlúio da noite.

Falai si há dôr que se compare à minha!...

Nos caminhos da noite pressaga
Os infelizes vêm chegando, vêm chegando
Conduzidos pela estrela da cidade.
São todos os que abafaram o sonho, meninos
Todos os que só amaram no susto e no arrependimento
Os que se viram já velhos sem ter o que recordar.
São os famintos, são os rôtos, são os escravos,
São os mil e um cativos da vida em procissão.
Falai!...

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Falai si há dôr que se compare à minha!...
No avanço lerto dos bois
Os desgraçados vêm chegando, vêm chegando
A sentinela avançada de serra-acima
Se erriga toda de estátuas, de espantalhos, de estafermos
[doentios]

Movidos pelo rito da esmola e do furto.
Acaso não vêdes que o ponteiro está chegando na hora?

As estátuas comungarão fatalizadas no crime hediondo
Acaso não vêdes que o ponteiro chega na hora do crime
[hediondo?]

Os peitos da Mãe se enrijarão no escudo sêco de aço
Ruirão por milagre os muros, ruirão fortalezas e fôrças
A guerra vai passar com seu rancho de peste e de morte
Vurrendo tudo na batucada infernal.

Falai!... Falai!...

(VERSÃO EXCLUSIVAMENTE ILUSTRADA)

Falai si há dôr que se compare à minha!...
Oh gigantes da mina do ouro
Oh anões subterrâneos da servidão
Oh magnatas com seus peitos laureados, galinhas
Pasteis, pastores, professores, jornalistas e genealogistas
Oh melancias e meliações, burros bêrras, borraças, mólhos
[grandavascos]

Oh grandavascos e vendidavascos
O vosso peito ladrilhado com pedrinhas diamantes
É concho e vazio feito a bexiga do Matuas
Monstros tardios sem olhos sem bijoseuamãs
Que fizeste do sentido da vida!
Oh vós gigantes da mina e vós anões subterrâneos
Falai!
O que fizestes, o que fizestes do sentido da vida!



EU SOU AQUELA QUE DISSE:

Raça culpada, a vossa destruição está próxima!

Ja o pato bravo avoou { na escuridão } da noite
 { no escuro }

E as gaivotas gritam no alarma lunar da práia!
 Pois não vêdes que os seres do campo e da rua
 Aparvalhados, rangentes, se entrepilham na malhada da
 [praça (praceana)]

Já indiferentes ao chamamento passivo do ninho!...
 Raça culpada, a vossa destruição está próxima!
 A aurora feito um gato verde se assanha por trás da cidade
 E rompe antes do dia as barras triunfais do dia! (do Dia
 [Novo])

(Os policias estão chanfalhando o povo nas galerias. Levam a Mãe presa.)

(Pano)

SEGUNDA CENA

O ÊXODO

(Na estaçãozinha do trem de ferro. Vêm chegando os colonos ao apêlo da cidade. Primeiro chegam os moços, estão esperançosos, brincallhões. Contentes de viver na cidade.)

I

CORAL PURÍSSIMO

Os solteiros:

Quero trabalho
 Firme nas ancas

Teatro de Arena
 Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Sêde na boca
 Fôrça no braço
 Brinca esperança
 No peito cheio
 Quero o trabalho

Quero alegria
 Mão na cintura
 Canto na boca
 Braço no braço
 Peito batendo
 De amor ardente
 Quero alegria

Quero descanso
 Cintura grossa
 Rizo na boca
 Filho no braço
 Sôpa cheirosa
 Calma de todos
 Quero descanso

II

(Agora vêm chegando os casais. Estão fatigados e ardentes. Sérios. Os moços se afinam com os recém-chegados que sentam por aí. A tarde se avermelha.)

CORAL DA VIDA

Casais e Solteiros:

Cafezal grande na calma fatigada da tarde..

Uns homens de fala vagarenta e de nariz furão
 Conquistaram estas paisagens, os chãos mais felizes da terra
 Para sôbre eles plantar o oceano da esmeralda
 E eu vim à chama vermelha do grão pequenino.



Facém no princípio dos chãos está postada a cidade terrível
Grandiosa e carrancuda, histórica e completa,
Cheia de passado e futuro, inimiga cinzenta do estranho,
Dona das sete doenças irascíveis do frio.
No seu rumor resmungam as animosidades desconfiadas
Dos seus boeiros brota o sentimento da solidão.
A cidade terrível repudiou o mar facilimo
E se escanchou gripada no penedo mais alto de serra-acima
Criticando a todos o seu gélido e agressivo quem vem lá!

Eco fóra de Cena:

— Quem vem láááá!...

Mas eu entrei na cidade inimiga e os meus pés não queriam
[andar de saudade
E a Terrível riu seu riso de garôa (pervertida)
E me fez punir as sete provas.
Ela me fez passar pelas sete provas da promessa.

A primeira foi obedecer mas eu me opuz.
A segunda foi mandar e então eu obedeci.
A terceira foi sonhar mas eu me equilibrei num pé só e não
[dormi.

A quarta e a quinta foram roubar e matar
Mas eu, cheio da fragilidade, bejei de mãos abertas.
A sexta, a mais infamante de tôdas, foi ignorar.
Mas eu, chorando, provei o pó amargo da rua e (me.) alembrei.
Então a cidade insidiosa, cheia de música e festa,
Passou a mão de bruma nos meus olhos, me convidando a
[esquecer.

Mas eu com uma rosa roubada na abertura da camisa
Gritei no eco do mundo: EU SOU!

Eco fóra de Cena:

— EU SOOOU!... EU SOOOOOOOOU!...

Pois então a cidade se fez mãe e eu descansei nela uma
[noite e um dia.

Ela é a mãe do trabalho, mãe do pensamento,
Ela é a mãe carinhosa do lar fechadinho bem quente
E nas suas noites graves todos dormem sem sonhar.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Só na lucidez do seu frio ácido
Só nela se pode beber o vinho generoso de corpo grosso
Só nela é permitido bailar sem vertigem
Só nela é possível ~~ouerer~~ sem miragem
Só nela, feiosa e leal, se erriça na boca do homem
O sal da verdade da hora
Sem se tornar salôbro à gloria do passado.

E depois que eu descansei a noite e o dia
A cidade boa me levou para os chãos mais felizes da terra
Onde tudo é carícia no seio dos morros mansos
Onde o calor é ouro no dia coroado por noites de prata.

Oh cafezal! cafezal grande na magua sangrenta da tarde,
Oh sonhos de tempos claros, gôsto de um tempo acabado,
[será permitido sonhar?...

Raça culpada, raça envilecida maldita,
Os gigantes da mina com os seus anões ensinados
Traíram a cidade e os chãos felizes.
E tudo foi, tudo será desilusão constante
Enquanto não nascer do enxurro da cidade
O Homem Zangado, o heroi do coração múltiplo,
O justicador moreno, o esmurrador com mil punhos
Amassando os gigantes da mina e peidando para os anões.
O urro da tempestade acorda no seio alarmado do horizonte
De cada planta o cafezal distila o veneno verde do ódio.
Em cada mão comichena a volúpia da morte.
O meu passo deixou rastro de sangue no caminho,
O céu se embebedou de sangue, o meu suor cheira sangue.
O heroi vingador já nasceu do enxurro das cidades.
Ele é todo encarnado, tem mil punhos, o olhar implacavel
Todo êle comichona impaciente no desejo voluptuoso da
[morte

Neste momento êle está vestindo a armadura de ouro e prata
O seu chapéu de aba larga é levantado ~~da frente~~
Ele tem uma estrêla de verdade bem na testa
Ele tem um corisco no sapato
E um coração humano no lugar ~~do coração~~



III

CORAL DO EXODO

(Agora de longe vem dominando os ares um lamento medonho de uivos, gritos de dór, imprecações. E surgem enfim, horríveis, os velhos, as velhas e as crianças, aos grupos se arrastando. E passam, passam, atravessando a cena, na escuridão profunda, só cortada por um listrão largo encarnado do último sol.)

Velhos e Crianças:

- Aáaai... Aiáaaaaai!...
- Ai, meu Deus!...
- Vuúuuuuuu... Vuúuuuuuuuuuu...

(Estes tres gritos devem ser usados obrigatoriamente durante todo o coral. Mais outras frases episódicas possíveis, à escolha:)

- Não posso mais! (bis, ter, ad libitum, como os seguintes)
- Quero viver!
- Quero morrer!
- Adeus, adeus!
- Eu sinto frio!
- Eu tenho fome!

(Etc.)

(Quando esses fantasmas do êxodo aparecem no palco os Moços e os Casais não se aguentam em desgraça tamanha, tomados de delírio, e ajuntam a sua voz à lamentação.)

Solteiros e Casados (entrando no coral):

Eu não fui criado do abraço noturno dos pais e das mães
Meu nome foi dito primeiro nos sulcos da terra profunda

Os ventos dos ares entraram nos sulcos da terra profunda
O beijo das águas baixou sobre os sulcos da terra
Sou a fonte da vida.

Que mando fatal me encaminha?
Quem sangra os meus olhos? Quem arma o meu braço?
Quem age por mim contra o meu proprio horror da matança?
É a fonte da vida
Que ordena vingança
Vingança!

TERCEIRO ATO

"DIA NOVO"

(A cena representa o pátio de um cortiço num subúrbio alto da cidade. É noite. A revolução convulsiona a cidade.)

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

O PARLATO DO RADIO

Um Radio entra a falar:

- Alô alô!... Alô! alô!... Prezados ouvintes, alô, alô!... O Rádio é nosso! o rádio é inteiramente nosso! urra!... Alô alô!... A revolução está prestes a se tornar vitoriosa!... Prezados ouvintes! patriotas devotados desta nossa grande pátria vilipendiada, nós somos o maior exemplo de civismo do mundo! já tomamos todas as estações de rádio da nossa magnífica capital. Também... alô, alô! estou recebendo notícias! alô!... urra! os Correios e Telegrafos acabam de cair em nossas mãos! uuuurraaa!... Tomaram-se os Correios e Telegrafos! os Correios e Telégrafos! uuuurraaaaa!... Ainda se luta com violência no Bairro Dourado, onde os grupos se encurralaram nos seus palácios confortáveis, o de-



didados pelos anões subterrâneos!... Guardem os rádios ligados! prezados ouvintes! estou recebendo notícias!... Vamos agora executar a "Valsa do Coração Perdido", enquanto esperamos notícias...

II

CÂNONE DAS ASSUSTADAS

As mulheres o Cortiço (tomadas de susto, a um canto):

Chegou, chegou, chegou!
E hora, é hora, é hora!
Meu homem combate na rua

Que susto, susto, susto!
Eu tremo, tremo, tremo!

Mas EU SOU AQUELA QUE DISSE:
Parti! Parti! Parti!
Adeus! Adeus! Adeus!

Chegou, chegou, chegou!
E hora, é hora, é hora!
Estou nesta espera de angústia
Eu sofro, sofro, sofro!
Que medo, medo, medo!

Mas EU SOU AQUELA QUE DISSE:
Parti! Parti! Parti!
Adeus! Adeus! Adeus!
Chegou! Chegou! Chegou!
É hora! É hora! É hora!

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

III

ESTANCIA DE COMBATE

(As lutas estão se alastrando pelo subúrbio.
Se escuta brigas parciais por detrás do muro
do cortiço.)

Os Revolucionários (invisíveis, cantando baixo, sacudido,
com sanha):

E o moço da estrela na testa que vem
Eu disse: Ele traz um corisco no pé
É um chefe mais bravo que a tigre ferida
Perverso que nem cascavel
Fatal como a onda do mar.

IV

ESTANCIA DA REVOLTA

As mulheres e os Revoltosos (invisíveis):

EU SOU AQUELE QUE DISSE:
O segredo da paz se fez guerra!
Chegou! Chegou! Chegou!
O momento dos filhos da terra!

O momento dos filhos da terra
Chegou! chegou! chegou!



V

FUGATO CORAL

Revoltosos e Governistas (ainda invisíveis) e as Mulheres:

Fôgo e mais fôgo!
Fôgo até morrer!

(Texto e música folclóricos, dos muito conhecidos no Brasil todo, ocorrentes em várias danças dramáticas.)

(O andamento indicado é o folclórico)

VI

SEGUNDO PARLATO DO RADIO

O Rádio:

— Alô! alô!... urra!... Estou recebendo notícias! notícias! alô! alô! o presidente já fugiu do Palácio, buscando abrigo no Quegê da Polícia!... O presidente Papai Grande já fugiu! já fugiu!... Está escondido no Quegê da Polícia!... Alô, alô!... prezados ouvintes! guardem sempre o rádio aberto! urra pela revolução!...

VII

GRANDE CORAL DE LUTA

(Uma bomba destruiu o muro do cortiço. A luta, na fase final, se generaliza por toda a cena. As Mulheres entram nela.)

Todos os coristas em cena:

É guerra! É guerra!
É revolução!
É de parte a parte
Fôgo na nação!

(Textos e música folclóricos, conhecidos, pertencentes a várias das nossas danças dramáticas.)

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

22.0242 - CEP 90020-025

VIII

O RADIO DA VITÓRIA

O Rádio (rapidíssimo, gritadíssimo):

— alô! alô!... vitória! VI-TO-RIA!... O Bairro Dourado caiu! caiu! os gigantes tremam!... Alô-alô! Patriotas! patriotas! o presidente suicidou-se! o Quegê se entregou, se entregou! antes se entregaram à grande causa pública a vitória!



pleta! Vitória! VI-TÓRIAAA!... VIII-TÓÓÓÓO-
-RIIII-AAAA!

(A menina displicente fecha o rádio e vai dormir. Que durma sossegada e viva dias novos melhores.)

(VIII-Bis)

(Gritos possíveis de enchimento, para auxiliar os diversos corais e cenas de luta.)

De Revolucionários:

- Café! Café! Café! (sempre número de vezes ad libitum)
- É hora! É hora! É hora!
- Chegou! chegou! chegou!
- Vitória! Vitória!

De Soldados Governistas:

- Patrão! Patrão! Patrão!
- São ordens! São ordens!
- Prisão! Prisão! Prisão!

(Na derrota final):

- Perdão! Perdão! Perdão!
- Piedade! Piedade!

IX

HINO DA FONTE DA VIDA

(Apoteose final, em grande quadro imóvel.)

A Mãe em solo e todo Coral mixto:

Eu sou a fonte da vida
Do meu corpo nasce a terra

Na minha boca floresce
A palavra que será.

EU SOU AQUELE QUE DISSE:
Os homens serão unidos
Si a terra deles nascida
For pouso a qualquer cansaço.

Eu odeio os que amontoam
Eu odeio os esquecidos
Que não provam dêste vinho
Sanguineo das multidões.

(reservam)

E deles que nasce a guerra
E são a fonte da morte
Eu sou a fonte da vida:
Fôrça, amor, trabalho, paz.

E si a fôrça esmorecer
E si o amor se dispersar
E si o trabalho parar
E a paz for gôso de poucos

EU SOU AQUELE QUE DISSE:
Eu sou a fonte da vida
Não conta o segredo aos grandes
E sempre renascerás.

FORÇA!... AMOR!... TRABALHO!... PAZ!...

(Fano)

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

